

# MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

O sr. Gilberto Freyre, talqualmente o sr. Afonso Arinos, julga uma aventura perigosa a reforma parlamentarista. Mas nem um, nem outro, justificam os seus patrióticos temores. Por que será coisa perigosa? Não o explicam. Como velhos pedagogos (o sr. Afonso Arinos é moço e o sr. Gilberto Freyre, apesar do seu renome internacional, não se pode considerar velho) como velhos pedagogos que se dirigissem a uns trêsjeitos rapazes, limitam-se elles a bradar: não façam isto, que é uma loucura!

Pois eu longe não me acho de convir com os dois illustres pedagogos, que daqui estou a imaginar com umas longas barbas brancas: pode ser realmente uma aventura, e até uma perigosa aventura, a reforma parlamentarista. Mas andar, correr, voar é sempre uma aventura; só o não é immobilizar-se, para não se expor ao perigo da ação. Uma aventura, como é todo nascimento, foi a Independência, e foi, por certo, uma gloriosa aventura; outra aventura maravilhosa foi o Sete de Abril, que entregou ao cetro de um menino, o govêrno de um país também menino; outra bela e generosa aventura foi a Abolição, que libertou uma raça infeliz, contra os interesses de uma casta poderosa; aventura e, esta, sim, aventura triste e perigosa pela maneira como a fizeram, foi a República; outra aventura, pelo menos tão triste e perigosa, foi a revolução de três de outubro. E' certo que, em cada uma destas ocasiões, não faltaram prudentes pedagogos; mas, se houvesse prevalecido a prudência, não teríamos feito, nem a Independência, nem a Abolição. Não teríamos, sequer, existido como nação.

Negam a história e a vida os que, por aventureira, condenam a reforma parlamentarista. No equilibrio eminentemente instável que caracteriza o ser vivo, a existência do individuo ou da coletividade é uma continua aventura.

Quisera eu, pois, me dissessem os dois illustres publicistas que risco especial trará consigo a emenda parlamentarista. Será aventureiro substituir um govêrno totalmente irresponsável, por um govêrno de plena e efetiva responsabilidade? Será aventureiro procurar sair de uma democracia de mentira, para uma democracia quanto possível verdadeira? Será aventureiro passar de um sistema em que a opinião pública tem de tomar armas e sair à rua a fim de se fazer ouvir, para outro em que ella natural e facilmente exerce a sua influencia e, por isto mesmo, se desenvolve e educa e aprende a refrear-se? Será, enfim, aventureiro substituir um sistema politico, que só na América e geralmente com os piores resultados se tem praticado, por outro adotado em todos os continentes, experimentado pelos mais variados povos e sempre exercido com resultados satisfatórios? 3249